



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

EXPRESSÕES DO CONSERVADORISMO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL: NOVOS E VELHOS DILEMAS

Ariadne Thayla Aguiar Fernandes¹

Resumo: O objetivo do nosso trabalho consiste em compreender a reprodução do conservadorismo entre os discentes do curso de Serviço Social da Faculdade de Presidente Venceslau, qual a influência recebida por eles, para deixar ou não romper com o conservadorismo, e talvez ter uma visão mais ampla das consequências da formação do discente conservador, que posteriormente será um profissional conservador.

Palavras-chave: Serviço social. Conservadorismo. Religião. Discentes.

Abstract: The objective of our work is to understand the reproduction of conservatism among the students of the Social Welfare course of the Faculty of President Venceslau, what influence they received, whether or not to break with conservatism, and perhaps to have a broader view of consequences of the formation of the conservative student, who will later be a conservative professional.

Keywords: Social work. Conservatism. Religion. Students.

Introdução

A formação do profissional em Serviço Social busca capacitar pessoas para o exercício da profissão para intervir nas expressões das questões sociais, seguindo bases teórico-metodológicas e ético-políticas. As questões sociais e suas expressões se modificam conforme a sociedade vai se complexificando, seu enfrentamento também acompanha essa complexidade.

Essa complexidade, tanto da sociedade quanto do enfrentamento das expressões da questão social deve perpassar na formação de novos profissionais que enquanto estudantes iniciantes não têm dimensão dessa complexidade ou ainda têm a ideia de uma profissão ligada à boa vontade e, conforme o processo de formação avança, é possível dimensionar a complexidade da prática profissional.

Busca-se compreender a ascensão do conservadorismo e suas diversas expressões na prática profissional em tempos recentes. As expressões do conservadorismo se materializam na prática profissional de forma intrínseca e alguns profissionais naturalizam tal atitude, reproduzindo um pensamento do senso comum característico da gênese da

¹ Estudante de Graduação, Faculdade de Presidente Venceslau, E-mail: ariadneaguiarssocial@outlook.com.

profissão, elevando seus valores morais pessoais acima de qualquer normativa ou negando o pensamento crítico sobre o sistema capitalista, luta de classes, desigualdades sociais, etc.

Assim, estabelecemos o objetivo do nosso trabalho que consiste em compreender a reprodução do conservadorismo entre os discentes do curso de Serviço Social da Faculdade de Presidente Venceslau, qual a influência recebida por eles, para deixar ou não romper com o conservadorismo, e talvez ter uma visão mais ampla das consequências da formação do discente conservador, que posteriormente será um profissional conservador.

1. Crescimento do conservadorismo e sua relação com discentes do serviço social

Temos visto o constante crescimento do conservadorismo e muitos ataques aos nossos direitos sociais. E o que parecia ou ao menos deveria estar distante da profissão também tem crescido dentro da formação do profissional da assistência social. Discentes próximos a sua formação com discursos conservadores, de caráter caritativo, e viés religioso, sem nenhuma aproximação com a verdadeira causa da Política de Assistência Social, que deveria ser difundida desde a formação.

Guerra (2005) cita a importância do acompanhamento do aluno, principalmente no estágio “como espaço de reflexão sobre o contexto sócio institucional, sobre a problemática de intervenção” (Guerra, 2005, p. 152) com o intuito de criar estratégias de ação profissional para o alcance das finalidades no desempenho da profissão. O processo de formação é importante para o desempenho profissional, e as disciplinas, como transmissão de conhecimento para a formação do profissional.

Guerra 2005, p. 153:

Cabe aos professores, supervisores e estudantes, em conjunto ou individualmente, criar metodologias que permitam essa síntese entre um saber teórico que se expresse em um fazer qualificado, cuja mediação é a aquisição de valores/princípios ético-políticos e habilidades, posturas e competências que extrapolem o pensamento conservador.

Assim, podemos compreender a importância do acompanhamento do discente, com professores e supervisores que os encaminhem a um saber teórico que posteriormente será aplicado no exercício da profissão, visando a responsabilidade com a ética profissional, o amadurecimento da profissão, eximindo qualquer vínculo teórico ou prático que não sejam críticos e operados dentro da ética profissional, o combate às questões sociais, e a garantia de direitos, desde a formação até a prática profissional.

No conservadorismo, em sua preponderância, se ascende o individualismo, a meritocracia, o estado mínimo e a opressão da classe trabalhadora. Antagônico à luta dos Assistentes Sociais para romper com o conservadorismo, que desde então baseia-se no

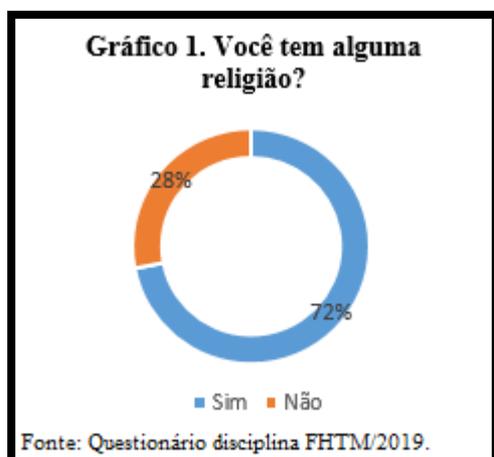
campo crítico da profissão, junto à teoria marxista, para defender a igualdade e desconstruir a opressão.

Pode-se afirmar que não há fundamento, o discente de serviço social, confabular com ideais conservadoras. E quanto mais se vive uma vida com ideias conservadoras, mais elas se expressarão na profissão; e quanto mais expressa na profissão, mais a profissão se torna refém de um discurso conservador, que não deveria, já que a profissão procura abrandar a desigualdade, a segregação, e os preconceitos, resultantes de uma sociedade que não acompanha as mudanças e pluralidades.

2. Relação discentes X conservadorismo religioso

No primeiro semestre do ano de 2019 foi ofertada a disciplina de Fundamentos Histórico, Teórico e Metodológico do Serviço Social onde trabalhou-se as expressões do conservadorismo na profissão na atualidade. Foi proposto um trabalho coletivo com temáticas ligadas ao conservadorismo na profissão em tempos recentes: o conservadorismo religioso, a questão ideológica do conservadorismo e, por fim, a ética. Além dos trabalhos escritos e apresentados, os discentes elaboraram questões ligadas ao conservadorismo e o tema de cada grupo, para que eles mesmos respondessem o questionário e assim compreender sobre o olhar conservador dentro da sala de aula. Um critério importante foi a não identificação, para que todos pudessem responder fidedignamente.

Foram aplicados onze questionários para os discentes do 5º termo do curso de Serviço Social da Faculdade de Presidente Venceslau – FAPREV. O questionário era composto por questões de múltiplas escolhas, com 54 questões, sem identificação do discente. Selecionamos oito questões relacionadas ao conservadorismo religioso, tema do nosso trabalho em sala, e apesar de um número reduzido de alunos que responderam o questionário, o resultado foi surpreendente e rico como apresentamos a seguir.

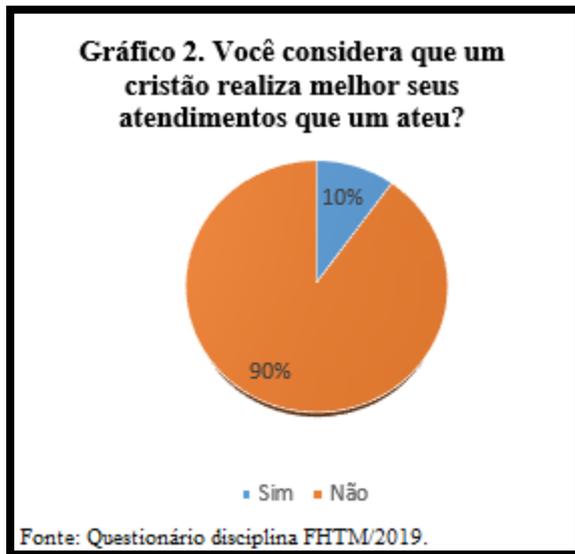


O gráfico 1 apresenta o número de discentes que tem ou seguem alguma religião, em que 72% afirmaram de forma positiva e 28% de forma negativa. Consideramos uma informação importante como ponto de partida para nossa análise, pois temos uma parte significativa dos discentes que seguem alguma religião.

Não é nosso foco apresentar um debate sobre a diversidade de religiões no Brasil, visto que o Brasil é um Estado Laico desde o ano de

1891.

No gráfico 2 foi questionado sobre a possibilidade de um profissional Assistente Social



que segue o Cristianismo realizar seus atendimentos de forma mais satisfatória que outro profissional que não segue nenhuma religião e se declara ateu. Apenas 10% dos discentes acredita que sim, mas 90% indicaram que não, que isso provavelmente não interfere no atendimento ou na qualidade do atendimento.

Batista e Coelho (2014) em sua pesquisa, trouxe a narrativa de profissionais que afirmaram que Assistentes Sociais que seguem alguma religião, são preferidos pelos

usuários:

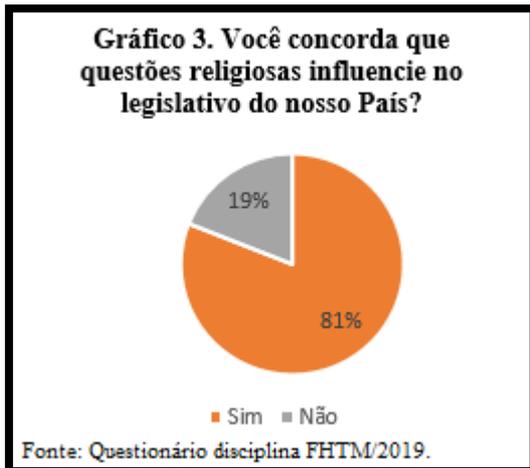
“Vou dizer mais ou menos assim: quando as pessoas sabem que eu sou evangélica, elas sabem que a gente tem um amor diferenciado, às vezes. E elas dizem assim “ah mulher você é crente?! Pois eu sei que você vai conseguir.” Elas já veem a gente com um olhar diferente, e acredita que a gente vai fazer alguma coisa por aquela pessoa, “ai mulher, graças a Deus que você é crente, porque crente tem amor ao próximo”... essas coisas. Tem uma credibilidade, né. (Entrevista à autora 1 em 24/ set./ 2014).”

Dutra (2015) também traz narrativas de profissionais que aconselham seus usuários a seguirem sua fé:

“[...] teve caso em atendimento social que a pessoa me falou assim: “eu preciso de algo mais” e eu tive a liberdade de fazer uma oração, não fazer o convite pra ela vir a minha igreja. A partir da liberdade dela, eu pergunto: “você crê em Deus?” então eu digo “busque a Deus! Vou conceder este benefício, mas você precisa de Deus também”. (AS4)

Tanto Batista e Coelho (2014) como Dutra (2015) revelam em suas pesquisas que há um apelo religioso junto aos atendimentos, o usuário que acredita que terá um melhor atendimento feito pela profissional cristã, e o profissional que aconselha seus usuários a seguirem sua fé, insinuando que os benefícios do atendimento prestados não seriam suficientes se o usuário não “buscar a Deus”. Uma situação extremamente perigosa, de descaso com a ética profissional, e a laicidade do país, que revelam expressões do conservadorismo religioso em tempos recentes, além de descaso com a ética profissional e a laicidade do país.

Ainda sobre o assunto de Estado Laico, no gráfico 3 uma questão importante é levantada. quando questionados se concordavam que questões religiosas influenciam

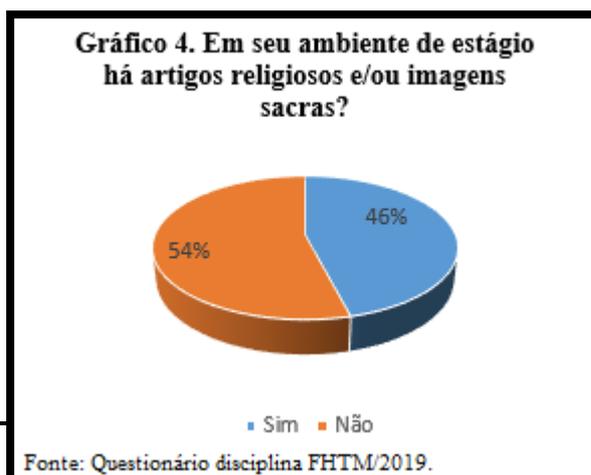


no legislativo no nosso país, 81% dos discentes se posicionaram de forma positiva e apenas 19% assinalaram a resposta negativa. Como o questionário foi aplicado sem identificação e as respostas não foram justificadas, não é possível compreender de forma clara se os discentes que escolheram a resposta “sim” tem o devido entendimento sobre a complexidade do assunto, mesmo que durante todo o semestre foi trabalhado em sala de aula vários conceitos

dentre eles sobre o Estado Laico, intolerância religiosa, moral, ética, diversidade de religiões, enfim, somente com a resposta “sim” ou “não”, e aqui surpreendentemente 81% concorda com a parceria entre questões religiosas e o legislativos, vai depender de qual religião estamos falando, desde que seja aquela que professo e não vá contra os meus valores morais pessoais.

O Brasil é um estado laico, ou seja, imparcial às questões religiosas, não apoiando ou se opondo a nenhuma religião ou a ausência dela. Em um país laico a religião não deve ter influência nos assuntos do Estado, logo, é inadmissível o uso da religião e sua influência nos assuntos do Estado, para tomar decisões de um país, ou a questão religiosa nos atendimentos, que influenciará no destino dos usuários, até porque, qual religião seria a contemplada para interferir nos assuntos do Estado ou dos atendimentos? Por isso a necessidade de se separar Estado e religião, pois temos várias culturas e várias religiões e não há como influenciar um país inteiro, ou estabelecer segundo algo abstrato de crenças pessoais, que usuários sairão da situação de vulnerabilidade se tomarem para si a fé do profissional que os atendeu, baseado em algo que um grupo pequeno acredita, segundo sua fé ser a realidade e verdade concludente, tanto no Estado, quanto nos atendimentos.

Passando para o gráfico 4 que contribui para materializar a expressão do conservadorismo religioso nos espaços de trabalho, principalmente nos equipamentos públicos. Ao questionar se os discentes já identificaram artigos religiosos ou imagens



sacras no local de estágio, 46% responderam de forma afirmativa e 54% de forma negativa. Aqui não temos como identificar quais os tipos de objetos foram identificados ou ainda qual a religião professada pelos supervisores de estágio, mas é possível afirmar que vivemos esse

ranço do passado e talvez muitos profissionais tenham uma visão do senso comum sobre a exposição de objetos em suas salas, mesas, instrumentais, carimbos etc, pois entendemos que não é por falta de conhecimento ou por ignorar que o país é um Estado Laico e que a religião dele (através dos objetos expostos) pode ferir a religião do outro.

Na pesquisa realizada por Dutra (2015), pode-se ter uma ideia da representação religiosa, em que a autora apresenta alguns objetos que mais são identificados nos ambientes de trabalho dos Assistentes Sociais:

Questionamos ainda quais objetos eram esses e 35% refere-se à bíblia (que de modo geral, segundo declarações, costumam ficar em cima da mesa de trabalho dos assistentes sociais); 17% refere-se a calendários com temas religiosos; cruz representa 12%; altar também 12% bem como imagens com também 12%; seguidos de livros religiosos que somam 6% (DUTRA, 2015 p. 7-8).

Nota-se que a preponderância é de objetos de viés cristão, sejam eles de profissionais católicos ou protestantes, mas o que importa não é a fé que o profissional professa, mas sim o descaso com a laicidade do país, visto que em seus ambientes de trabalho, os profissionais não têm sido imparciais, até porque não é só a questão de falar ou não sobre sua fé para os usuários, mas sim de demonstrá-las com esses tipos de objetos em seus ambientes de trabalho.

O gráfico 5 traz a questão de o profissional usar sua fé para instruir algum usuário, e por mais estarecedor que seja, 10% responderam que sim, deixando claro que ainda existe



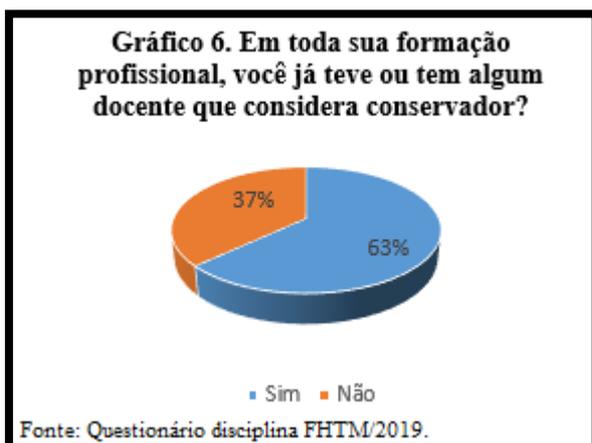
a manipulação do profissional frente ao usuário, visto que quanto mais o profissional conclui que as questões sociais e suas expressões estão ligadas à falta de fé, mais ele tentará “salvar” seus usuários de uma vida desastrosa, como apresenta Dutra (2015):

Os problemas sociais estão aí, mas também têm oportunidades e alguns usuários não agarram, mas se a pessoa tiver uma espiritualidade e estiver ligada à alguma igreja, com certeza vai ter outros caminhos, vai estar mais ligada à oração, a tentar fazer o bem, e seguir o que está na Bíblia e seus próprios preceitos. Agora, se a pessoa não vai pra igreja, não tem uma linha

a seguir, um objetivo, com certeza ele vai pro caminho mais fácil, mais fácil entre aspas porque mais pra frente vai ter consequências. [...]. (AS1).

[...] Não tem como não influenciar, mas, eu não procuro pressionar as pessoas ou olhar as pessoas de forma diferente porque elas não pensam como eu, procuro ser o mais neutra possível nessa, em relação a isso, mas é claro que eu vejo o ser humano de uma forma; eu entendo o ser humano, e a espiritualidade influencia a gente entender o ser humano, entender quem é o ser humano, do que ele é formado, o que ele precisa, e isso acaba influenciando sim porque não tem como a gente separar[...]. (AS18)

Nessas duas falas de profissionais, nota-se que elas realmente acreditam que as expressões das questões sociais estão ligadas a falta de fé, e um profissional que afirma claramente que não há como não influenciar é um profissional que possivelmente tentará influenciar seu usuário. E se acredita que as questões sociais são causadas pela ausência de fé, elas só poderão prestar seus atendimentos considerados proveitosos quando conseguirem mostrar ao usuário que a realidade dele só mudará com uma “intervenção divina”, se a causa do problema é abstrata, essas profissionais acreditam que a resolução delas também é.



No gráfico 6 apresenta-se uma questão importantíssima dentro da formação do Assistente social, a influência de seus professores e supervisores junto a sua formação. Questionados se já tiveram algum docente que consideram conservador, 63% responderam que sim. Não abrimos muito qual linhagem do conservadorismo seria essa que os alunos chegaram à conclusão

de que algum docente seria conservador, mas no questionário abaixo teremos uma pequena base do que os discentes participantes do questionário consideram ou não um assistente social conservador. Lembrando que não se atribui ao aluno, mas a sua opinião sobre o que é ser um profissional conservador ou não, porém pode-se considerar que se identificam conservadores assim, provavelmente foram esses traços que os fizeram chegar à conclusão de terem algum docente conservador.

Contra o aborto	7
Acha inadequado o uso de roupas curtas	7
Contra a união homoafetiva	10
Não gosta de gay	7
Que as famílias devem seguir as tradições e não a modernidade	8
Segue as regras morais aceitáveis	6
É preconceituosa	6
Luta para garantir todos os direitos do usuário	2
É contra o feminismo	6
Fonte: Questionário elaborado e aplicado em sala de aula na disciplina FHTM/2019.	

Na tabela 1. Apresentamos as questões algumas respostas sobre a ideia do que é um Assistente Social conservador segundo os discentes que responderam os questionários. Foram selecionados as que tinham mais discrepâncias, ou seja, uma imagem completamente antagônica do profissional conservador e não conservador (tabela 2.), segundo os discentes.

Assuntos polêmicos como o aborto, roupas “inadequadas”, união homoafetiva, sexualidade, moral, familiar e sociedade, preconceito e feminismo é muito claro que os discentes acreditam que profissionais não conservadores (tabela 2.) são mais tolerantes quanto aos temas do que profissionais conservadores.

Mas o que chamou atenção foi o fato de acharem que o profissional não conservador luta “mais” pela garantia de todos os direitos do usuário do que o profissional conservador. Não há como analisar o porquê chegaram a essa conclusão, já que no questionário não havia espaço para justificativa, porém, é impressionante a ideia de um perfil profissional diferente entre os considerados conservadores e os não conservadores, pois os conservadores tem um perfil que condiz com a gênese da profissão, ou seja, moralista, senso comum, acrítico e que não busca a emancipação ou autonomia do usuário.

Pelo questionário podemos supor que a maioria acredita que os conservadores não aceitam as questões polêmicas citadas na tabela. Mas não desvincular seus valores morais na hora dos atendimentos prestados seria de uma irresponsabilidade desmedida com as políticas públicas, com a ética profissional, a profissão, e com o usuário e seus direitos.

Contra o aborto	0
Acha inadequado o uso de roupas curtas	2
Contra a união homoafetiva	1
Não gosta de gay	0
Que as famílias devem seguir as tradições e não a modernidade	1
Segue as regras morais aceitáveis	0
Não tem nenhum tipo de preconceito	9
Luta para garantir todos os direitos do usuário	7
É contra o feminismo	0
Fonte: Questionário elaborado e aplicado em sala de aula na disciplina FHTM/2019.	

3. Considerações finais

Ao longo da pesquisa realizada em sala de aula, somada às pesquisas de outros autores foi possível compreender que ainda há um domínio de viés conservador dentro das salas de aulas, e o que nos chamou a atenção foi a ideia que os discentes têm sobre o profissional conservador não garantir todos os direitos dos usuários e ser contra assuntos polêmicos muito debatidos atualmente, como aborto, união homoafetiva, etc.

Compreende-se que o profissional que limita seus atendimentos até onde lhe convém a aceitação de sua moral, está infringindo o Código de Ética e a Constituição Federal que garante direito a todos e a laicidade. Há uma formação sem intenção de quebra com o viés conservador, e quando há identificação de professores e supervisores conservadores e seus alunos, acaba se tornando ainda mais difícil o rompimento.

O conservadorismo é reproduzido de forma velada e não se expressa explicitamente. Como vimos, há artigos religiosos em locais de atendimento de profissionais; há a influência religiosa nos atendimentos; há a moral escondida por detrás do discurso conservador, que muitas vezes passa despercebido, ou disfarçado de senso comum dentro de uma sala de aula ou no local de atuação.

Na formação do discente de serviço social são apresentados quais problemáticas ele irá enfrentar, quais seus enfrentamentos, quais medidas serão tomadas e a quem se aplica. E o que deve ser enfatizado é que o serviço social é de “quem necessitar”, não havendo espaço para conservadorismo, seja ele moral, ou religioso, dentro das salas de aulas ou no âmbito profissional. Por isso é preciso dar uma maior atenção aos professores e alunos atuais, e tentar entender um pouco mais sobre essa ascensão do conservadorismo dentro da sala de aula, que posteriormente será carregado para a vida profissional, esta que ficará “imodificável”, já que nem a formação, nem a ética profissional conseguiram tirar o conservadorismo do aluno.

4. REFERÊNCIAS

BATISTA, Deborah B. COELHO, Maria Ivonete Soares. **O debate da religião no Serviço Social: fundamentos e exercício profissional**. Anais VII Jornada Internacional de Políticas Públicas. UFMA: 2015.

DUTRA, Patrícia Vicente. **A presença da religião no exercício profissional de Assistentes Sociais**. Anais do I Congresso Internacional de Políticas Sociais. Londrina-PR: 2015.

GUERRA, Iolanda. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2005.